



A PRESENÇA INDÍGENA NO NORDESTE

Ane Karoline Maria da Silva¹
Carmem Lúcia Pinheiro Neri Nunes²
Mariana Barbosa de Souza³

Resumo: O objetivo desse artigo é evidenciar a questão da presença indígena no território nordestino. Tendo em vista mostrar que durante muito tempo os povos indígenas no Nordeste foram invisibilizados, extintos ou relegados a um aspecto integracionista à sociedade branca, na história da humanidade. A segunda metade do século XIX exprime aos grupos indígenas, na região Nordeste, um período tenso, já que foi nesse momento oficializado da perda do reconhecimento étnico e territorial ante ao Estado. Dessa forma, é dentro desse contexto que surgem vários estudos em ressaltar as diversas configurações étnicas e sociopolíticas dos povos indígenas, que por sua vez tiveram uma grande contribuição para a compreensão dos processos históricos locais e regionais, como a exemplo do Nordeste, ou seja, é por intermédio dessas novas abordagens que o índio se constitui como agente da sociedade, demonstrando assim que a presença indígena no território nordestino foi de grande valia não só para entendermos o passado como também o nosso presente.

Palavras-chave: Nordeste, indígenas, etnia.

Introdução

No decorrer da nossa vida estudantil, sempre a imagem do índio foi passada com discursos de sua existência na Amazônia ou no Xingu como os “puros”, sendo por vezes mencionados assim que estes seriam os verdadeiros indígenas. Em oposição às outras regiões do país, principalmente nas antigas da colonização portuguesa, a exemplo do Nordeste, baseiam-se em uma ideia equivocada de culturas supostamente melhores, superiores ou inferiores.

Sendo assim, é dentro desse contexto que surgem pesquisadores interessados em aprofundar a causa indígena, pois a mesma não era enaltecida por parte de muitos estudiosos. Os indígenas no Nordeste durante várias décadas fora uma causa de desinteresse, uma noção de inexistência, porém por intermédio das novas abordagens realizadas foram se desmistificando essa ideia. Observou-se por meio

¹ Licencianda no oitavo período de Geografia – anekarolinekitty@gmail.com

² Licencianda no oitavo período de Geografia – carmemluciahnd@gmail.com

³ Licencianda no oitavo período de Geografia – mmbarbosa18@gmail.com



desses novos estudos várias mobilizações de grupos indígenas ocorridas durante a história, fatos esses que deram uma nova imagem para o índio em meio a sociedade e ocupando assim um novo cenário bem diferente do qual as tradicionais visões e imagens do índio ao longo da história nos mostrava, ou seja, o índio começa a ser entendido como agente da sociedade.

Dessa forma, o intuito de tais pesquisadores eram mostrar a existência da presença indígena além do território amazônico mais popularmente conhecido e exaltado nos livros didáticos, e traçar linhas de estudo em outros locais que também possuíam traços indígenas, a exemplo na região Nordeste. Dentro desse contexto podemos citar alguns nomes importantes quanto a essa causa: João Pacheco de Oliveira, Edson Silva, John Monteiro, e Estevão Pinto.

Os índios no Nordeste

Oliveira em seus estudos mais atuais revelam e dá importância a causa indígena, valorizando a compreensão da cultura e etnicidade como processos históricos que se alteram, ou seja, de acordo com as interações dos povos indígenas entre si e a sociedade. Segundo as ideias postas por Oliveira (1999) em seu livro, *A viagem da volta*, traz em si convicções de que os povos indígenas no Nordeste já se manifestavam a um abundante tempo. Dessa maneira, no contexto do livro mostra que a história desses povos estava atrelada por lutas políticas pela segurança e pela reconquista de territórios.

No livro *A viagem da volta*, Oliveira (1999) constata a imagem dos índios no Nordeste como migrantes obrigados a reinventar suas tradições. Dessa maneira, através desse livro se confirma que os interesses pelos estudos a respeito dos índios no Nordeste não só continuaram ao longo do tempo, como também houve uma ampliação e diversificação por parte de mais estudiosos com o intuito de desmistificar a imagem do índio na história.

Oliveira (2011) em seu outro livro, *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória*, nos traz o fortalecimento da ideia de que os povos indígenas no Nordeste nunca deixaram de existir, ou seja, o livro em questão nos revela que desde o século XVI aos dias atuais



os índios sempre tiveram uma relação seja no âmbito religioso, social, político ou mesmo econômico com diferentes agentes sociais a fim de enfrentar diversas situações de violência. Dessa forma, Oliveira (2011) em seu livro demonstra que mesmo diante da situação que se apresentava no contexto histórico daquele momento, da extinção dos aldeamentos indígenas no século XIX, os povos indígenas no Nordeste não foram desconsiderados nas reflexões históricas, antropológicas e das Ciências Humanas e Sociais em uma visão alicerçada nas concepções de aculturação e mestiçagem. À vista disso, foi por meio dessa obra que se consolidou definitivamente os povos indígenas na Região como um tema de estudo.

A afirmação dos índios no Nordeste vem cada vez mais ocupando o cenário sociopolítico regional, desmistificando as tradicionais visões do índio na história. Em Alagoas, por exemplo, dos oito aldeamentos extintos em 1872, apenas dois aparecem no contexto republicano. Esse processo resultou a extinção dos aldeamentos da província de Alagoas e constituiu o silêncio oficial da Direção Geral dos Índios, mesmo que ainda existissem índios no conjunto geral da população. Os povos indígenas em questão se viam a mercê dos poderosos e tentavam buscar saídas para a real situação. É nesse momento que os índios tentam estratégias para sobreviver nessa nova realidade imposta pelos interesses políticos e econômicos. As estratégias dos índios eram voltadas ao livramento dos recrutamentos nos aldeamentos, de modo que sofriam exploração da força de trabalho. O espaço administrativo denominado aldeamento reunia os pilares das transformações impostas pela necessidade de modernizações das relações econômicas e sociais que impulsionaram a Lei de Terras.

No Nordeste, após a Lei de Terras de 1850 que determinou os registros cartoriais das propriedades, estabeleceu que as terras devolutas oficiais que poderiam ser vendidas em leilões públicos, sendo que os tradicionais invasores das terras dos antigos aldeamentos afirmavam que os índios estavam sendo “confundidos com a massa da população”, visto que tal motivo para eles justificava que não havia mais razões para o prosseguimento dos aldeamentos.

O projeto de colonização e modernização do país reservava terras para os indígenas que eram reconhecidas como não civilizadas pela legislação, de modo que essa contradição de selvagem/modernização demonstrava a necessidade de controle desta população e sua integração na sociedade nacional.



A segunda metade do século XIX representa para os grupos indígenas na região Nordeste a oficialização da perda do reconhecimento étnico e territorial ante o Estado. Edson Silva (2006) por sua vez, em seus estudos faz um levante com relação aos índios organizados, mobilizados e atuantes em Pernambuco por meio de documentos e relatórios. As constatações de Silva (2006) nos mostra a situação conflituosa que aquela sociedade do século XIX passava.

A extinção dos aldeamentos fora algo inevitável, devido o precário funcionamento das aldeias que estava acarretando a decadência das aldeias, o roubo das terras, e a degradação dos índios. O referido Relatório datado de 1873 apresenta a situação lamentável das aldeias indígenas em Pernambuco, um descaso público para com os índios. De maneira que nesses registros eram encontrados requerimentos, visto que estes se referiam a denúncias de perseguições, invasões das terras, reivindicações de direitos por parte dos índios, pois os mesmos alegavam que os “taes senhores” invadiram as terras e estavam desmatando a área e arrancando as lavouras.

No Nordeste, após a extinção oficial dos aldeamentos muitos indígenas migraram para as periferias urbanas e regiões vizinhas, passando a trabalhar “de alugado” em suas próprias terras, pois as mesmas agora pertenciam aos grandes fazendeiros da época, como também algumas famílias permaneceram nos “sítios” obrigados pelos fazendeiros. Dessa forma, é a partir desse momento que ocorreu um silêncio oficial sobre os índios no Nordeste.

Os povos indígenas no Nordeste, que retomaram suas mobilizações nas décadas do século XX, conseguiram reconquistar o reconhecimento do Estado brasileiro com a instalação de postos indígenas pelo Serviço de Proteção aos Índios/SPI. Os atuais povos indígenas questionam as reflexões sedimentadas no desaparecimento indígena na região, um desafio para se compreender os processos históricos que resultam nas mobilizações sociopolíticas atuais pelas reivindicações, conquistas e garantias de seus direitos.

Em contrapartida, os habitantes que ainda restavam de antigos aldeamentos passaram a se chamar de caboclos, visto que era uma alternativa de esconder a identidade étnica diante das inúmeras perseguições. A imagem do caboclo apresenta-se em obras literárias sobre fatos pitorescos, recordações, “estórias” das regiões do



Agreste e Sertão nordestino. Dentre os mais conhecidos escritores e pesquisadores a dedicar-se a essa causa podemos citar: Gilberto Freire, Raquel de Queiroz, Câmara Cascudo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado. Os escritores em questão se referiam aos índios num sentido idílico (puro, fantasioso) e omitiam a presença indígena contemporânea no Nordeste.

No Brasil, as primeiras iniciativas para se pensar os índios como sujeitos históricos partiram de antropólogos, dentre os quais John Monteiro. Em um texto de sua autoria “O desafio da História Indígena no Brasil” Monteiro (1995), aponta que as influências das novas abordagens dos índios são resultados dos movimentos políticos realizados por eles.

No conjunto desses estudos citados, percebe-se a desconstrução da imagem dos índios de vitimizados pelo processo colonial e são tratados como sujeitos agentes na história. Segundo Monteiro (1999), em seu texto “Armas e armadilhas: história e resistência dos índios”, o que realmente importa é recuperar o sujeito histórico que age (age) de acordo com a sua leitura do mundo ao seu redor, leitura essa pelos códigos culturais tanto da sua sociedade como pela percepção e interpretação dos eventos que aconteciam.

Os estudos sobre os índios no Nordeste

Com relação do ponto de vista dos estudos, pesquisas e publicações com uma abordagem geral sobre os índios na região, em 1935 o antropólogo Estevão Pinto ao publicar a obra, Os indígenas do Nordeste, na renomada Coleção Brasileira da Editora Nacional, mostrou por meio de sua obra uma pesquisa bibliográfica e documental ilustrada com mapas, quadros e fotografias a vida do índio no Nordeste e seu contexto histórico. Em seu primeiro volume, faz uma ressalta quanto ao contexto histórico e um levante de ideias de outros pesquisadores quanto as origens dos territórios e a migração de povos que fazem surgir uma mistura de culturas. Em sua narrativa expressa amostra de figuras e objetos encontrados em território nordestino e algumas jazidas paleontológicas importantes, como no Brasil que se encontrava centros paleontológicos que a primeira vista denotava a passagem por nosso território, de povos de cultura relativamente avançada. Já em seu segundo volume, Estevão



Pinto traz o subtítulo “organização dos indígenas do Nordeste brasileiro”, cujo livro veio a público em 1938, por meio de mapas, quadros, desenhos, gravuras e estampas registradas de livros de viajantes que estiveram no Brasil.

A obra *Os indígenas do Nordeste* obteve inúmeras resenhas críticas de estudiosos da época, como Gilberto Freire, Pedro Calmon, sendo que com essa obra o mesmo passou a ser conhecido no Brasil e no exterior.

Estevão Pinto realiza estudos sobre os índios Fulni-ô (Águas Belas/PE), a dedicar-se suas ideias referentes a mestiçagem, foi adepto das concepções de aculturação e assimilação das populações indígenas com ênfase na caboclinação.

Segundo Estevão Pinto, existia uma ausência étnica dos índios em razão das misturas, fruto das relações de convivência, dos casamentos entre indivíduos de supostos grupos originários (africanos, lusos, índios) que construía a população nordestina. Dessa forma, essa mistura tanto evidenciava uma suposta perda da essência cultural indígena, como também se gerava uma população brasileira quanto na diversidade.

Darcy Ribeiro: Um estudo sobre os índios no Nordeste

Dentro desse contexto, também podemos dar destaque a figura de Darcy Ribeiro e Marechal Rondon, onde ambos pesquisadores antropólogos mais antigos mas não menos importantes para compreendermos o contexto histórico da presença indígena, tinham apreço pela causa indígena e desejavam trazer a tona essa questão para a sociedade, viabilizando trazê-los no caso, os índios, para o mundo “civilizado”.

Ribeiro (1970) em seus estudos acabou realizando uma pesquisa e mais tarde com intuito de mostrar a real situação indígena a transformou em forma de livro, onde cujo livro se chama *Os Índios e a civilização*, um mesclar de ideias dando uma certa oposição bem explícita: “os índios” e a “civilização”. Dessa forma, o antropólogo em suas ideias mostra a sua visão de como seria a integração dos indígenas em território brasileiro, como suas raízes mesmo ao longo do tempo ainda persistiam, ou mesmo como os costumes religiosos ainda prevaleciam. O autor cita que alguns indígenas da Região Nordeste ainda viviam em condições bem semelhantes aos potiguaras.



Segundo Ribeiro (1970), o processo histórico das terras indígenas no Sertão nordestino se acentuaram por intermédio da expulsão dos seus territórios, ou seja, os índios por volta do início do século XX, se encontravam perambulando nas fazendas em busca de alimento e isto posto eram por vezes vistos nas margens do São Francisco.

Para Darcy Ribeiro (1986), a integração era vista como uma condição de sobrevivência das populações indígenas, como “microetnias”, integrava-se enquanto “contingentes residuais”, e acabavam vivendo em condições precárias. Ribeiro (1986) cita que alguns indígenas conseguiam conservar um pouco de sua cultura original e sua experiência de mundo, porém aqueles aculturados acabam não conservando traços distintos devido a sociedade majoritariamente formada por brancos, negros e mestiços, esquecidos de suas raízes em meio a sociedade nacional

Ribeiro, assim como outros pesquisadores classifica os índios por meio de permanências ou não de aspectos de uma suposta cultura original, devido às relações com as populações não indígenas locais, e também pelo fato da continuidade no falar da língua nativa e a prática de rituais indígenas próprios.

Os méritos a Darcy Ribeiro decorrem do fato de que o mesmo foi o primeiro autor que discutiu o “problema indígena” de maneira ampla, evidenciando através de seus posicionamentos sua posição política em denunciar as opressões sofridas pelos índios na História do Brasil.

Novas abordagens/olhares sobre os índios no Nordeste

O livro História dos índios no Brasil, livro esse organizado pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, em 1992, traz textos de nomes de John Monteiro sobre os Guarani do sul do Brasil Colonial, virou um marco na chamada “Nova História indígena no Brasil”.

Beatriz Góes Dantas, José Augusto Laranjeiras e Maria do Rosário Carvalho, no capítulo “Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico”, relatam o foco da presença indígena nos diversos processos históricos da colonização regional.



Em 1995 o pesquisador José Mauricio A. Arruri com o texto “Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional”, resultou num estudo a cerca dos índios Pankararu (PE), trazendo em suas constatações a imagem de como os indígenas tiveram suas identidades e direitos negados e sua extinção por volta do século XIX. O autor apresenta em seus escritos uma “emergência étnica” pois os indígenas estavam perdendo pouco a pouco, e por intermédio das mobilizações era tida como uma salvação e reconhecimento da cultura daquele povo. Visto que isso foi mediado por meio da fundação do Serviço de Proteção ao Índios/SPI.

A Coleção Índios do Nordeste: temas e problemas publicada pela editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL) desde 1999, conta um acervo dedicado aos índios em Alagoas, onde em seu meio também existindo coletâneas de textos veiculadas por autores que pesquisam os povos indígenas no Nordeste

Considerações finais

Os povos indígenas no Nordeste por décadas fora uma causa de desinteresse, porém diante das novas abordagens pode-se trazer a tona a grande luta que os índios passaram e passam para conseguirem seus direitos em meio a sociedade. Dessa forma, se observou várias mobilizações de grupos indígenas ocorridas durante a história, fatos esses que deram aos índios uma nova imagem e como resultado um novo cenário bem diferente do qual as tradicionais visões e imagens do índio ao longo da história nos mostrava, ou seja, o índio começa a ser entendido e visto como agente da sociedade.

Por isso a grande relevância de se compreender a contribuição da participação dos povos indígenas nos processos históricos no Nordeste, o esforço por parte de muitos pesquisadores que por meio de novas abordagens e reflexões sobre o índio na história nos demonstra um mundo novo, nos trazendo informações e confirmando o papel importantíssimo dos indígenas na sociedade e os conhecimentos de um dado povo não tão exaltado.

Portanto, as experiências vivenciadas pelos povos indígenas constituem um desafio nas reflexões para se entender os processos históricos que resultam as



mobilizações sociopolíticas atuais pelas reivindicações, conquistas e garantias de direitos. De modo que conhecer e estudar a região na perspectiva das mudanças sociais que se fazem ao longo do decorrer do tempo são necessárias, pois os índios foram, são e serão atores sociopolíticos atuantes e importantes para compreendermos não só o passado como o presente.

Referências

SILVA, Edson. Índios organizados, mobilizados e atuantes: História indígena em Pernambuco nos documentos do Arquivo público. **Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI**, Brasília, v. 3, n.1/2, p. 175-224, Jul./dez. 2006.

PINTO, Estevão de. **Os indígenas do Nordeste**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1935.

Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. **Terra e trabalho: Indígenas na Província de Alagoas**. Aldemir Barros. São Paulo, Julho 2011. 15 páginas.

SILVA, Edson. Índios no Nordeste: Por uma História Socioambiental Regional. **Cadernos do Ceas**, Salvador, n. 240, p. 117-136, Jan/abr, 2017/ISSN2447-861X.

SILVA, Edson. Os índios no Nordeste e as pesquisas históricas: As influências de John Monteiro. **Fronteiras & Debates**, Macapá, v. 2, n. 1, Jan./ Jun. 2015.

SCHRODER, Peter. A viagem da volta: Etnicidade, Política e Reelaboração cultural no Nordeste indígena. De João Pacheco de Oliveira (org). **Revista de Ciências Sociais**, v.32, n. 1/2 2001.

SILVA, Edson. A afirmação dos índios no Nordeste. **Revista Crítica Histórica**. Ano II, n. 4, Dezembro 2011.